

## **APOGEU E QUEDA DE UMA ESTRELA: PERCURSOS DO ESTILO EM: *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR.**

### **Autores:**

**Gertrudes Maria Sobrinho da Silva**

**Márcia Fernandes**

**Terelúzia Pereira**

As representações femininas na literatura ao longo do tempo tematizaram a mulher como santa/bruxa, rainha/escrava ou boa/má. Entretanto, se lançarmos um olhar sobre Macabéa, protagonista de *A Hora da Estrela*, romance de Clarice Lispector, podemos observar que a personagem não possui nenhuma das características apontadas e como uma criatura ímpar; ela não tem músculos, nem nervos; nem mesmo uma consciência profunda de si.

Ao narrar a trajetória desta personagem, Clarice Lispector em sua escrita lançou mão de muitos recursos narrativos. Tais como a metalinguagem e o modelo de leitor clariceano. Na obra *A Hora da Estrela* são apontadas características da narrativa moderna, que são questionadas ironizadas e sofridas. Pode-se afirmar que a obra dialoga com todo o universo ficcional da autora e particularmente contrapõe com a obra *Água Viva*. A linguagem é enfocada como uma personagem em profunda crise existencial, havendo um debate entre o poder e as limitações da linguagem que é usada na comunicação humana, paralelamente ao questionamento da existência do ser que se revela por essa linguagem, sendo estabelecido um cruzamento entre o fazer literário e a existência humana, revelando as semelhanças sem perder o foco do cotidiano, e ainda funciona como pólo gerador do processo de ficcional, visto que é por meio de indagação e aceitação da linguagem que os elementos constituintes da narrativa: autor, narrador, personagem, leitor e o próprio texto tornam-se elementos ficcionais.

O narrador de *A Hora da Estrela* busca, mesmo sem palavras, revelar o ser, visto que, o mesmo opta por “retratar” Macabéa por meio de flashes de sua vida e os mesmos nos dizem sobre ela substituindo a palavra e instaurando-se o silêncio, não havendo necessidade das palavras, porque o silêncio em alguns casos valem mais que muitas palavras, ou seja, significando plenitude.

A obra inicia-se com o narrador com o discorrendo sobre sua dificuldade de iniciar a narrativa, e esse é um fator enfocado em obras anteriores de Clarice Lispector, visto que a criação literária, na visão tradicional, envolve o domínio da norma culta padrão e isso se tornaria uma dificuldade para o escritor, mas como a criação literária é o lócus privilegiado da ambigüidade, esse é mais um elemento envolvido no texto, exatamente para possibilitar muitas leituras do discurso clariceano.

“ Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.

Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça.  
Sem falar que a história me desespera por ser simples demais.  
O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos.  
Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que  
está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameadas  
apalpar o invisível na própria lama...” (LISPECTOR,1998, p,19)

Segundo, José Lemos Monteiro, “A ambigüidade caracteriza o texto literário. A ambigüidade que se busca na Literatura não é hermetismo que leva a mensagem simplesmente a não ter significado algum . É pelo contrário, o alargamento das fronteiras do significado”. (p.166)

E Clarice como uma autora ambígua, posto que, ao mesmo tempo em que entrega ao leitor, obras de grande complexidade, a mesma lança mão de um estilo simples de escrita, conforme pôde ser observado acima. Uma grande marca estilística desta obra é o fato deste livro ser inacabado, esperando a ajuda do próprio leitor para concluir, proporcionando ao mesmo a possibilidade de preencher com sua interpretação, as impressões e idéias em suspense, tornando-se um co-autor da obra. O papel que o mesmo deverá desempenhar é a participação do processo de criação do texto. A obra inicia-se com uma dedicatória incomum em que o leitor é alertado que o livro é inacabado e a partir dela o mesmo é envolvido pelo texto, tornando-se um elemento participativo.

A tal simplicidade na escrita é colocado para o narrador, Rodrigo S.M, que afirma escrever por motivo de “força maior” e para ele escrever não é apenas invenção: possui obrigação de falar sobre uma nordestina que encontrou na rua.

“Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse  
teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência  
dela: ( através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. A vida que  
tanto amo”. (LISPECTOR, 1998,p,33)

O narrador é consciente da “realidade indesejável” de milhares de nordestinas existentes na cidade, e faz da escrita sobre ela uma maneira de livrar-se da culpa que experimentou pela sua existência. Ele sente dificuldades em descrever a nordestina, visto que irá tratar da criação de uma pessoa inteira e deverá fazê-lo usando seu material básico: a palavra sem enfeitá-la, e sim de maneira simples para atingir sua plenitude.

“ Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, jóias e esplendor.  
É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho

medo da nudez, pois ela é a palavra final” ( LISPECTOR,1998, p.82)

Segundo Olga de Sá, o narrador se escreve todo através de Macabéa, por meio de seus próprios espantos e estende ao leitor sua onipotência, realizando assim um diálogo constante entre ambos e temos ainda uma tonicidade na narrativa que é a função fática.

“Ou não sou escritor? Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto.” (LISPECTOR, 1998, p.23)

Com a morte da protagonista Macabéa, o narrador Rodrigo S.M. também morre, tendo avisado anteriormente que morrer é um instante e pertence à condição humana. Essa condição existe também na obra **A Paixão Segundo G.H.**, paixão de escrever, paixão de desistir, paixão da linguagem que aponta para o indizível.

“As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora que está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdão a clarividência. (LISPECTOR, 1998, p.84)

A clareza e a concisão estão entre as “virtudes” do estilo no texto clariceano, pois não há “ornamentos” na descrição da personagem, visto que a obra atinge a plenitude da palavra com simplicidade sem requintes, brilho de estrelas.

“(…) nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos.” (LISPECTOR, 1998)

Clarice Lispector através da linguagem procura representar experiências intuitivas que se manifestam na consciência de suas personagens em um átimo de segundo. Seus textos , paulatinamente, passam a refletir sua tentativa de escrever ou revelar por meios de palavras, a vida submersa nas fatos da realidade no momento exato em que ocorrem.

Clarice tinha a intenção de alcançar uma comunicação que prescindisse da palavra revelando em sua obra a ficcionalização do processo criativo. Ela “ficcionaliza” as questões que envolvem a literatura como, por exemplo, o uso das palavras.

Por fim, é válido afirmar que Clarice Lispector com sua maneira simples, direta e sem enfeites na escrita, entretanto tão universal, aborda assuntos e temáticas introspectivas que fazem com que seus leitores se identifiquem com reflexões outrora feitas, são também impulsos sugeridos

pela sua mente tão criativa, mas não piegas com a capacidade de surpreender leitores tão exigentes, porém ansiados por uma literatura que saia do cotidiano e entre em seus anseios mais subjetivos.